

A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook

Fabrizio Brugnago¹

Vera Chaia²

Resumo: Nas eleições de 2014 do Brasil, houve uma grande polarização assimétrica entre esquerda e direita, onde a esquerda se fortificou e a direita se radicalizou. Este artigo busca apresentar o cenário no qual surgiu essa polarização e os dispositivos que facilitaram esse processo. Será apresentada uma análise da formação de uma ideologia radicalizada da direita, com base em estudos de uma violência conservadora na sociedade brasileira, derivada de uma incapacidade de compreensão e aceitação do outro. Essa radicalização da direita é intensificada em uma imediatista e impaciente sociedade contemporânea da informação pela Internet, e o Facebook se torna um forte dispositivo viabilizador da radicalização ideológica, a partir de sua capacidade de criar ambientes de homofilia e relativa liberdade de expressão.

Palavras-Chave: Eleições 2014; Polarização Política Assimétrica; Facebook; Radicalização Conservadora

¹ Graduado em Relações Internacionais pela PUC-SP, consultor de sistemas e tecnologias para relações políticas.

² Professora do Departamento de Política, pesquisadora do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (NEAMP) da PUC-SP, do CNPq e da FAPESP.

Abstract: In the 2014 Brazilian elections is notice a large asymmetrical polarization between right and left parties, which left has fortified itself and right has radicalized itself. This article tries to show the scenario where this polarization rose and the devices that facilitated the process. It will present how the right radicalized ideology has grown, based on studies from the violence on the conservative Brazilian society, derived from the incapacity of comprehending and accepting the other. This radicalization from the right is intensified in an immediate and impatient contemporary information society through the Internet, and the Facebook becomes a strong device that enables ideological radicalization through its capacity to create a homophily environment with relative freedom of speech.

Keywords: 2014 Brazilian Elections; Asymmetrical Political Polarization; Facebook; Conservative Radicalization

Introdução

A polarização política entre esquerda e direita é histórica e tem ditado a forma de fazer política ao longo dos tempos em praticamente todos os regimes democráticos. A luta pelo poder democrático traz à tona os projetos de poder e interesses individuais das pessoas, que se envolvem em um jogo de pensamentos em massa, deixando-se influenciar pelo grupo de ideias que estejam do lado que representa a sua declaração de interesse político. Esse posicionamento político deriva da construção de ideologias alimentadas por dispositivos subjetivadores ou dessubjetivadores, que viabilizam o desenvolvimento destes novos sujeitos ideológicos.

Até pouco tempo atrás, o Brasil se encontrava dentro de uma aparente apatia política. A população pouco se interessava por participar e contribuir nas questões políticas do Brasil. Os partidos passaram a dispensar suas ideologias e trabalhar cada vez mais próximos de um centrismo ideológico, em que poucas eram as diferenças nos discursos dos partidos de maior representatividade. A democracia estava desacreditada, visto que os processos de inclusão e participação eram percebidos como falhos. O voto não trazia resultados claros para satisfazer o público e havia um esvaziamento de ideologias partidárias. A transição da ditadura para a democracia foi lenta e suavizada, o que acabou não deixando claro para a população o seu novo poder democrático.

A participação política por associativismo, normalmente responsável por mobilizar a opinião pública, também se apresentava enfraquecida (FERREIRA, 2000). Centrais sindicais, que nos anos 80 e 90 tiveram forte atuação política, foram acariciadas com uma ampla aproximação ao governo Lula a partir de 2002. Em consequência, houve uma abreviação de seu trabalho de mobilização política da classe trabalhadora (SOARES, 2013). Os estudantes, em geral vanguardistas em mobilizações, limitavam suas ações de greve em espaços circundados pelos muros das universidades, normalmente colocando em sua pauta apenas assuntos internos, como, no caso da USP, questões como vigilância militar no campus e, no caso da PUC-SP, nas lutas por reduções de mensalidades. Mesmo sendo importantes esses assuntos, pois envolvem discussões como segurança pública e democratização das universidades, seus resultados práticos eram nulos fora do âmbito universitário.

Porém, após as manifestações de junho de 2013, a dicotomia na participação política brasileira ganhou um novo capítulo em sua história. A identificação das pessoas entre esquerda e direita refloriu. Após a população tomar as ruas em torno de todas as suas insatisfações, as diferenças ideológicas dentro das próprias manifestações rapidamente começaram a transparecer, até o movimento implodir, rachando a massa de pessoas em dois rumos de militância com caminhos totalmente opostos.

Esse pico de polarização entre esquerda e direita se provou resistente e conseguiu se manter e se desenvolver até as eleições nacionais de 2014. A declarada esquerda se mobilizou contra o suposto projeto neoliberal do PSDB, e a direita conservadora desenvolveu sua ideologia em torno de um forte antipetismo declarado antipartidário, com discussões radicalizadas para os extremos dos valores considerados da direita.

O radicalismo conservador da direita adquiriu elementos de ódio. A campanha das eleições de 2014 foi muito tensa, elevando as provocações entre partidários. Vários conflitos foram relatados em manifestações, principalmente quando esquerda e direita se encontravam. A tensão que normalmente pertencia às torcidas de futebol em jogos clássicos acalorados passou para a política. A massa passou a discutir política em seu dia a dia, principalmente pela Internet.

O Facebook se tornou então o principal meio para a proliferação das discussões políticas. Nele, os 59 milhões de usuários diários brasileiros se polarizaram em redes que proliferavam ideologia política. A liberdade de expressão e a homofilia natural gerada pelo ambiente das redes do Facebook desenvolveram grupos ideológicos com liberdade para se expressarem e se radicalizarem, conforme se sentiam seduzidos em seu poder de massa em redes.

Analisaremos, então, como aconteceu essa polarização e, principalmente, tentaremos entendê-la a partir do ressurgimento da militância conservadora, que encontrou nas mídias sociais o encorajamento que precisava para levantar suas bandeiras no mundo virtual e nas ruas.

Desenvolvimento: o ressurgimento das militâncias de esquerda e direita

Para Bobbio (BOBBIO, 1995), a direita e a esquerda são formadas por um pensamento a partir de uma díade, ou seja, uma forma de pensamento em que a existência de um implica, necessariamente, a existência do outro, ou seja, a

direita não existiria se não existisse a esquerda, e vice-versa. A ausência de um dos lados torna o modo de pensar estranho e confuso. Essa díade é qualificada por Bobbio como antitética, em que a oposição entre um e outro é necessária. Portanto, um pensamento político de esquerda só pode existir se houver um pensamento político de direita para a contraposição.

Quando se fala em centrismo, então, estamos assumindo que existam uma esquerda e uma direita. O centrismo é o espaço entre as duas e nunca a ausência de uma ou de outra. Para existir esse espaço, ele precisa agrupar os interesses da esquerda e da direita, portanto assume-se que a esquerda e a direita precisam existir, para que, em um jogo de forças, haja a opção pelo centrismo.

Nas eleições de 2002, o PSDB apostou em uma campanha baseada no medo de ter o país governado por Lula e pela instauração de um governo esquerdista. Em um discurso de esperança, Lula apresentou sua campanha em um tom de conciliação e, assim, construiu uma imagem moderada, revelando suas preocupações com o mercado e com a economia (CHAIA, 2004). Lula acenou para o empresariado ouvindo os seus desejos em troca de apoio e conseguiu consolidar uma campanha para quebrar o paradigma do medo criado pelos seus opositores e pela mídia sobre a sua figura.

Essa eleição marcou o início de uma centralização das ideologias declaradas dos partidos. O PT deu seu passo com sucesso, aproximando-se dos mercados e mostrando-se como um partido de centro-esquerda moderado. Nas eleições seguintes, foi seguido pelos demais partidos, principalmente pelo PSDB, que precisou reconhecer as políticas sociais do PT como importantes e legítimas, após se deparar com a grande aprovação dos mandatos de Lula. A troca de valores chegou, nas eleições de 2010, ao ponto de José Serra passar a defender a política de Lula e afirmar que ele era a melhor pessoa para levar à frente essa política, e não Dilma Rousseff, a candidata de Lula pelo próprio PT.

Porém, com o advento dos protestos de 2013, todo esse cenário foi virado de cabeça para baixo. Os protestos iniciados pelo Movimento Passe Livre, declarado de esquerda com militância pelo transporte público, tiveram crescimento. A partir da forte repressão policial militar e do governo do estado contra tal movimento, a esquerda foi se mobilizando e participando gradativamente dos protestos. Os telejornais tentavam desconstruir as manifestações, apresentando os manifestantes como arruaceiros que só estavam causando o caos nas cidades

a partir da paralisação do trânsito. Porém, ao mesmo tempo, ativistas tentavam apresentar pelas mídias sociais o que não era contado pelos telejornais. Por fim, a mídia tradicional da televisão teve a luta vencida pelas mídias sociais, um fato histórico. A possibilidade de se registrar todos os momentos com câmeras de celulares passou a gerar provas instantâneas que contrariavam imediatamente o que a mídia tradicional dizia ou escondia. A indignação geral cresceu, e o questionamento sobre o que era apresentado para as pessoas todos os dias se desenvolveu. Esse novo poder do povo eclodiu nas grandes mobilizações por todos os lados. As reivindicações se multiplicaram, ao ponto de unir no mesmo lugar tanto a esquerda quanto a direita, dos moderados aos extremistas.

Porém, nesse embate, os extremos se confrontaram. A esquerda, representada por militantes de partidos políticos como PSTU, PSOL e o próprio PT, e a direita, que se declarava apartidária, entraram em um conflito de interesses. Ouviam-se gritos lado a lado de “Fora, Dilma” e “Fora, Alckmin” e, logo após, vaia de ambos os lados. A união pela causa do passe livre rapidamente se desfez, e as pessoas começaram a declarar suas próprias bandeiras. Passaram a dizer que não era pelos 20 centavos³ que aconteciam os protestos, mas pela total insatisfação com a política e a sua representatividade no Estado. Eram demandadas mudanças imediatas em diversos setores da sociedade, apesar de todos os protestos pelo país inicialmente levarem consigo a exigência de redução nos preços dos transportes públicos.

Fernando Haddad, prefeito da capital paulista pelo PT, diante das incertezas das motivações das manifestações, colocou-se em uma posição mais neutra e pragmática. Ele condenou a violência exercida pela polícia militar, a qual respondia ao governador Geraldo Alckmin, e apoiou desde o princípio as manifestações públicas, porém condenando as depredações geradas pelos manifestantes. Ao mesmo tempo afirmou, antes do dia 20 de junho daquele ano, que não seria possível a redução das passagens de ônibus por não haver *budget* para isso. Apesar de seus comentários mais neutros, muito diferentes dos que partiram inicialmente do governador Geraldo Alckmin, que chamava os manifestantes de “baderneiros” e “vândalos” (NETTO, 12 de junho de 2013), Fernando Haddad sofreu duros protestos em frente à prefeitura de São Paulo,

³ O Movimento Passe Livre, militante pelo transporte público gratuito, protestava contra o aumento das passagens de ônibus e do metrô de R\$ 3 para R\$ 3,20, na cidade de São Paulo.

em um dia famoso pela imagem de um mascarado vestindo roupas de classe média, depredando a prefeitura ao vivo em rede nacional de televisão (ROXO, 2013).

No dia 20 de junho do mesmo ano, após vitória do movimento que conseguiu o retorno das tarifas para R\$ 3, o Movimento Passe Livre, sentindo a ebulição ideológica dentro das manifestações, declarou-se satisfeito com a vitória e transformou o seu ato marcado para o mesmo dia em uma celebração da vitória do movimento. O PT, de forma atrasada em relação aos acontecimentos, pois ainda não tinha entendido como se posicionar diante dos protestos, uma vez que era situação tanto na cidade de São Paulo quanto no país, resolveu colocar seus militantes em massa na rua nesse dia. A militância da direita, que se formava e se declarava apartidária, revoltou-se, entrando em conflito físico com a esquerda, arrancando e queimando bandeiras de partido e agredindo manifestantes.

A partir desse dia, os conservadores de São Paulo tentaram tomar os créditos das manifestações para si, visando a que todo o movimento fosse interpretado como um manifesto pela indignação contra a corrupção e o governo, o que culminou no último protesto de massa em São Paulo em 22 de junho, pelo fim da PEC 37⁴ e posteriores protestos da classe médica contra médicos cubanos⁵. Nesses últimos manifestos, a esquerda já havia se retraído em seu movimento, com o fim de não deixar sua luta se vincular a essa nova direita que se colocava nas ruas. E também por uma desmotivação geral, por ver as interpretações que eram feitas sobre o movimento perante a mídia, que ao fim elogiava as manifestações como um exercício democrático das pessoas insatisfeitas com o governo, porém exaltando principalmente as bandeiras levantadas pela direita que criticavam diretamente o governo federal.

Podemos dizer que a militância de esquerda, até antes das manifestações de junho de 2013, era a única a tomar as ruas em protestos. Suas lutas pontuais sempre existiram de formas individualizadas e por tópicos. Essa militância estava

⁴ Proposta de Emenda Constitucional de autoria do deputado Lourival Mendes do PTdoB do Maranhão que retirava do Ministério Público a atribuição de investigações criminais, cabendo esses trabalhos às polícias civil e federal.

⁵ Protestos contra o Projeto Mais Médicos do governo federal, que aproveitou para desengavetar o projeto em resposta às manifestações, como solução para a melhoria da saúde. Uma das medidas era a contratação em massa de médicos estrangeiros, principalmente cubanos, para o SUS. Tais contratações geraram vários protestos da classe médica e comentários xenofóbicos contra os médicos cubanos.

acostumada a trabalhar na forma de movimento. O movimento se coloca, ataca e depois retrocede quando sente que precisa. Assim, podemos dizer que no Brasil existia uma militância de esquerda que já era acostumada a protestar. Essa militância de esquerda vem de uma herança de luta desde a ditadura, em que a luta tinha que ser muito bem planejada, e o radicalismo só levaria o movimento a ser desmantelado e dizimado.

Para a nova militância da direita, por sua vez, sair às ruas foi uma grande novidade. Um sentimento inicial de prazer tomou as pessoas nos protestos. Porém, ao ganhar gosto por esse poder de tomar as ruas, a direita tentou impor suas ideias ao movimento. Essa imposição tomou aos poucos a forma de radicalização, em que ideias diferentes das colocadas por eles não eram aceitas, impossibilitando a busca por pautas comuns com seus colegas de manifestação.

No discurso de Bobbio (BOBBIO, 1995), a radicalização tanto da esquerda quanto da direita é contrademocrática. O extremo da radicalização é o ponto em que a esquerda e a direita se aproximam. No caso específico das manifestações daquele junho, a esquerda não chegou ao ponto da radicalização. Ao retroceder no estado de São Paulo, ela não demonstrava intolerância democrática, mas, sim, via a impossibilidade de trabalhar qualquer um de seus temas em um ambiente que já não se encontrava mais amigável para tal. A direita, por sua vez, radicalizou-se e demonstrou um discurso de intolerância, por exemplo impedindo bandeiras de movimentos lado a lado com eles dentro dos protestos. A direita tentou gritar mais alto, mesmo em minoria, tentando abafar os protestos da esquerda⁶.

Apesar de a maioria das pessoas no pico do manifesto se considerar de centro, podemos dizer realmente que a dualidade esquerda e direita renasceu no Brasil mais forte do que nunca. A esquerda se entendeu na necessidade de não mais se contentar com um discurso conciliador centrista; precisava se identificar como esquerda e se diferenciar da nova classe de direita. Essa nova classe, “carinhosamente” apelidada pela esquerda como a classe política “*coxinha*”, denotava o seu conservadorismo e, da mesma forma, tentava apresentar o PT como a expressão pura da esquerda, atribuindo-lhe caracterização comunista

⁶ No artigo de Singer (SINGER, 2013), cita-se pesquisa feita pelo Datafolha no dia 20 de junho de 2013, dia em que a direita expulsou a esquerda com suas bandeiras do protesto, em que a distribuição dos manifestantes por ideologia declarada era respectivamente: Esquerda: 22%, Centro-Esquerda: 14%, Centro: 31%, Centro-Direita: 11% e Direita: 10%.

e corrupta por natureza. Fosse quais fossem os partidos que defendessem, os esquerdistas foram apelidados de “*petralhas*” em uma brincadeira de palavras entre PT e o nome dos personagens Irmãos Metralha da Disney. A sociedade foi dividida aos olhos das discussões ideológicas em dois grandes blocos: “*coxinhas*” e “*petralhas*”. Quem não se encaixa em um desses dois grupos se torna uma anomalia política, um alienado.

A polarização assimétrica: a esquerda fortalece-se, e a direita radicaliza-se.

Houve então uma polarização ideológica. A polarização ideológica deve ser analisada como um movimento. Ela se dá quando diferentes polos se atraem ou se repelem em suas ideologias. A polarização não pode ser analisada pela forma do distanciamento em uma dualidade. Pelo contrário, a polarização se dá em um espaço onde pode haver os mais diversos níveis de ideologia (ESTEBAN e RAY, 1994). Um modo fácil para se compreender estes polos e fazer uma análise da polarização de ideologias seria imaginarmos uma linha gradual, na qual identificaríamos em um extremo a extrema esquerda e no outro extremo a extrema direita. Imaginando que tal linha definisse os interesses políticos entre esquerda e direita (Figura 1) em uma escala de 0 a 5 para a esquerda ou para a direita, podemos apresentar de forma ilustrativa como ocorreu a polarização no crescimento das militâncias nas últimas eleições. Para Bobbio (BOBBIO, 1995), poderíamos dizer que, nessa escala, quanto mais perto de 5, menor seria o grau democrático do pensamento do grupo.

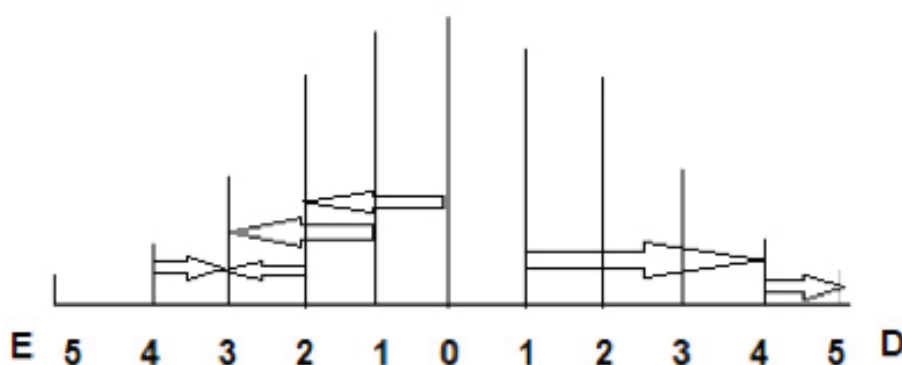


Figura 1

Pensando nas eleições de 2014, poderíamos interpretar que a militância de esquerda se tonificou. A esquerda que defendeu o PT passou a agrupar em

sua pauta ideológica itens comuns à esquerda, como busca da igualdade de oportunidades, defesa das minorias, empoderamento do povo, defesa do Estado como responsável por atingir essas metas. Essa esquerda de fato já existia, porém ela começou a agrupar consigo outros setores mais moderados de esquerda, que por sua vez não militavam e não exerciam um pensamento de esquerda mais puro.

Ao mesmo tempo, essa esquerda não pregava a defesa de um regime socialista. A esquerda mais radical que defende realmente o socialismo, colocada no ponto 5 da escala da esquerda, praticamente se absteve do debate, uma vez que não concorda com as políticas do PT. O ponto 4, que seria uma esquerda um pouco menos radical e mais simpatizante de um socialismo mais leve, retrocedeu e aproximou-se das ideologias mais esquerdistas do PT, que poderíamos colocar no ponto 3. Esse ponto 3 foi o que mais se aproximou do foco de polarização ideológica da esquerda militante. Entretanto, é preciso afirmar que esse cenário se apresenta com relação à parcela de militância que se fez presente nessas eleições, e não a toda a população, pois boa parte dos votos do PT vieram de pessoas que apostaram na continuidade de um programa de governo que aprovam. Estes não se posicionam nem como de esquerda ou como direita e não praticaram militância política dentro das eleições.

O que podemos observar é que a polarização maior desse gráfico se encontra na direita. A direita se polarizou muito em seu conservadorismo e discurso de ódio ao PT. Poderíamos dizer que todo o discurso da direita foi colocado dentro do nível 4 de extremismo, e uma parte dos conservadores do nível 4 se polarizaram para o nível 5. O nível 5 é o que parte totalmente para o processo antidemocrático, em que o golpe de Estado por intervenção militar é defendido. No nível 4, podemos citar as pessoas que saíram às ruas após o fim das eleições, pedindo pelo *impeachment* de Dilma, solução antidemocrática, porém ainda dentro dos possíveis processos constitucionais do regime.

O filósofo Paulo Eduardo Arantes, em entrevista à Folha de S. Paulo (LUCENA, 2014), fez uma descrição dessa nova direita atribuindo em primeiro lugar a característica da impaciência.

O “Surto da Impaciência” revelado pelas manifestações de junho de 2013 provocou um surto simétrico e antagônico que é o surgimento de uma nova direita, um dos fenômenos mais importantes do Brasil contemporâneo. Uma direita não tradicional, que não está contemplada pelos esquemas tradicionais da política.

Esse surto simétrico e antagônico, que Paulo Eduardo Arantes descreve como causador de uma polarização assimétrica, já é muito discutido na política dos Estados Unidos. A polarização assimétrica parte do princípio de que a polarização tem que acontecer com o agrupamento entre polos de direita e de esquerda. Em segundo lugar, é preciso que as forças não tenham a mesma intensidade de radicalização. Nosso gráfico (Figura 1) apresenta exatamente essa característica: houve polarização da esquerda, porém sem se extremar. A polarização da direita aconteceu com a mesma intensidade de polarização, porém com maior intensidade de radicalização.

Nos Estados Unidos, a polarização assimétrica tem sido medida a partir do posicionamento político e das propostas dos congressistas eleitos (ROBERTS, 2012). O gráfico abaixo (Figura 2) apresenta, a partir de uma escala por ano, o quanto os partidos republicano e democrata se extremaram no posicionamento liberal ou conservador ao longo dos anos. No caso dos republicanos, o conservadorismo se acentuou muito mais do que o liberalismo democrata. Isso se apresenta no grande ganho de espaço político do *Tea Party*⁷ pela extrema direita, que cresce ano após ano com uma base de eleitores que dificilmente migrarão seus votos. O estudo mostra que a tendência é que as propostas entre os partidos passem a não se cruzar mais em nenhum momento, por conta da grande separação entre as políticas que cada um propõe.

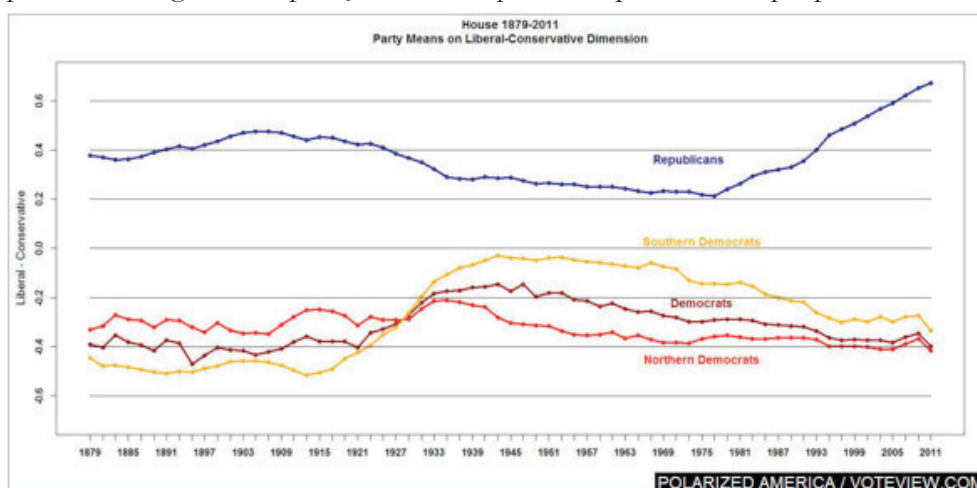


Figura 2

⁷ Movimento político, dentro do partido republicano, de membros que se unem pelas suas posições conservadoras radicais. Em 2013, em consulta conhecida como “Tea Party Caucus”, 48 de um total de 234 congressistas republicanos se declararam pertencentes ao movimento Tea Party.

Podemos usar o mesmo mecanismo para avaliar se a análise empírica de polarização assimétrica apresentada até aqui é válida. Segundo Antonio Augusto de Queiroz (BEDINELLI, 2014), diretor do DIAP (Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar), o Congresso Nacional eleito em 2014 é o mais conservador desde 1964. Alguns números são colocados pelo DIAP para justificar essa afirmação. Dos 513 candidatos eleitos, temos 257 candidatos financiados pelo agronegócio, que normalmente vão contra causas como direitos indígenas, preservação de florestas e regulamentações no uso de defensivos agrícolas. Deputados ligados à Polícia são 55; estes vão trabalhar por questões como redução da maioria penal e fortalecimento de instituições questionáveis como a Polícia Militar. A bancada evangélica atingiu 82 representantes diretos da igreja; são estes que normalmente trabalham contra direitos de homossexuais e direitos da mulher. Em contrapartida, deputados defensores das causas sociais se encolheram, e deputados relacionados a frentes sindicais foram reduzidos de 83 para 46.

Candidatos ultraconservadores, que trabalharam nos anos anteriores à eleição com declarações racistas, homofóbicas e com discursos de ódio, obtiveram votações muito expressivas (BEDINELLI, 2014). Como o caso de Luiz Carlos Heinze (PP-RS), eleito deputado federal com mais votos pelo Rio Grande do Sul, conhecido por declarações racistas, como a do dia 29 de novembro de 2013 em audiência pública, quando afirmou que “quilombolas, índios, gays e lésbicas, tudo que não presta” estariam mandando no governo federal. Jair Bolsonaro (PP-RJ), ultraconservador conhecido pelo seu discurso de ódio contra homossexuais, foi o deputado federal com mais votos no Rio de Janeiro, com 464.572 votos. Outras expressivas votações são a de Marcos Feliciano (PSC-SP), homofóbico evangélico com 398.087 votos; a do delegado Waldir Soares (PSBD-GO), deputado mais votado em Goiás; e a do policial militar Alberto Fraga, deputado mais votado no Distrito Federal (DEM-DF).

Portanto, o gosto por candidatos ultraconservadores tem se destacado cada vez mais nas últimas eleições; eleitos, tais candidatos se tornaram verdadeiros puxadores de votos para seus partidos. Comentários discriminatórios em relação às minorias se tornaram desejáveis para os candidatos. Existe um repúdio ao diferente, uma incapacidade de identificação com o outro. Esse repúdio se expressa em violência e em desejo de repressão dos direitos do outro.

O medo do outro: da ideologia violenta social para a ideologia violenta pública

Os discursos dos candidatos ultraconservadores refletem as discussões que têm vindo à tona na ágora, representada atualmente pelas redes sociais na Internet e também pelos noticiários populares. Eles refletem a transposição da violência social para a violência no meio público. Para conviver com essa violência, são criados dispositivos ideológicos que precisamos interpretar.

Apesar de todo o discurso de ódio e intolerância, a direita não se vê como violenta. A violência para essa parcela conservadora da população vem de fora, vem do outro. Marilena Chauí (CHAUI, 1995), em seu estudo sobre a violência na sociedade brasileira, defende que existe um mito da não violência no Brasil. Para começar, o conceito de mito parte do princípio de que crenças se interiorizam de forma tão profunda que deixam de ser percebidas como crenças e passam a ser a própria realidade. O mito surge a partir do momento em que existem conflitos que não podem ser explicados por si só, sendo preciso buscar uma solução imaginária para a sociedade que torne a realidade explicável e suportável. Quando as pessoas criam essa camada de explicação social, o mito desenvolve valores que se transformam em ideologia, capaz de gerar ações sociais.

O mito da não violência produz uma ideologia de não violência. A nação brasileira, identificada pela massa social orgânica semelhante, não é violenta. No acaso de ocorrer violência, existem dispositivos ideológicos para explicá-la. A Professora Marilena Chauí (CHAUI, 1995) cita quatro mecanismos ideológicos que justificam a existência da violência no Brasil.

O primeiro mecanismo é o de perceber que a nação brasileira não é violenta; a violência é gerada por pessoas que não fazem parte da nação brasileira, mesmo que estes tenham nascido no Brasil. Essa massa conservadora vê como geradores da violência os pobres, os negros, os homossexuais, os nordestinos e, mais recentemente no discurso eleitoral, o próprio PT. Esses geradores da violência não pertencem à nação; são encarados como uma anomalia social.

O segundo mecanismo é o de que, quando a violência ocorre, ela é algo acidental, temporário e, sendo assim, justificável, como, por exemplo, em um rápido acesso de raiva provocado por um policial ao matar alguém que roubava comida, ou um marido que bate em sua mulher. Mesmo que muitos maridos batam em suas mulheres em uma sociedade machista de dominação masculina,

esse fato é ignorado, e cada caso é tratado como um acaso.

O terceiro mecanismo é o jurídico, em que a violência só ocorre no âmbito da criminalidade, que é entendida como o crime contra a propriedade. O crime contra a propriedade geralmente é praticado pelos pobres que não dão o mesmo valor ao patrimônio construído pelas pessoas na sociedade, uma vez que não lhes interessa trabalhar e crescer na vida de forma limpa. A ação violenta contra o crime contra a propriedade fica então legitimada. Podemos citar casos de pessoas que se dizem a favor da paz na sociedade, mas, logo após terem seus objetos pessoais roubados na rua, declaram, no pico de sua raiva, que desejam que o autor do crime de roubo morra ou seja assassinado. Esse criminoso não pode fazer parte da sociedade comum, ele é uma ameaça à estabilidade da paz, que, supostamente, já existe.

O quarto princípio é o de inversão da realidade. Esse é, quem sabe, o princípio para o qual podemos encontrar mais exemplos na sociedade brasileira. O princípio da inversão faz com que o indivíduo inverta a responsabilidade entre quem pratica a violência e quem sofre a violência. Aqui podemos citar casos como a recente pesquisa do IPEA encomendada pelo governo, que mostra que a maioria entre os entrevistados entendia que se as mulheres soubessem se comportar haveria menos estupros⁸. Ou a comum afirmação de que, quando um policial matou alguém, “alguma coisa de errado esse alguém (a vítima) deve ter feito”. O policial é um de nós, ele nos protege, ele não comete a violência; nesse caso, para a violência acontecer, deve ter sido para evitar violência maior a ser praticada pelo outro, o único capaz de cometer a violência. Cria-se uma camada de explicação que simplifica qualquer ato de violência. A defesa da vítima torna-se automaticamente desnecessária, já que ela não pertence ao grupo com o qual “nós” nos identificamos.

A onda conservadora no Brasil construiu então uma ideologia com um grande leque de mecanismos para se proteger e ter em si respostas que suprimam a violência de seu meio. Por exemplo, podemos destacar o discurso do tratamento

⁸ Pesquisa do IPEA divulgada em 29 de março de 2014 constatou que 58,5 % dos brasileiros afirmam que se as mulheres soubessem se comportar haveria menos estupros. Tal pesquisa teve ampla discussão na mídia, porém em muitos casos, em vez de serem discutidos os dados que demonstram essa violência machista da sociedade, que inverte a responsabilidade entre vítima e agressor, a mídia tentou desqualificar a pesquisa apontando erros técnicos de amostragem e gerando um desvio de foco do real problema.

psiquiátrico para a cura gay, em defesa da família brasileira. O homossexual é assumido como um doente, o que justifica o violentar ou até o matar. A repressão aos pobres com intervenções militares em uma favela é justificável, pois o espaço habitado pela pobreza é onde mora o crime. Nem todos os pobres são criminosos, mas os crimes vêm dos pobres, portanto uma intervenção militar violenta em uma favela é justificável. Os pobres precisam ser controlados para não se tornarem violentos. O Bolsa Família incentiva os pobres a continuarem pobres e sem trabalhar, ou seja, incentiva a “vagabundagem”, que se relaciona com o nascimento da criminalidade. Um círculo de explicações lógicas é criado de forma vazia, e tudo passa a fazer sentido na ideologia da não violência.

O filósofo Slavoj Žižek descreveu em seu documentário “O Guia Perverso da Ideologia” (2012) a criação de uma personificação de todos os medos em um centro comum. No seu exemplo, ele apresenta a figura do tubarão do clássico filme “Tubarão” (1975), de Steven Spielberg, como uma forma de centralização da complexidade de todos os medos que as pessoas têm. Outro exemplo, usado como a fonte de todos os problemas e medos para a sociedade, é a dos judeus no nazismo. Os judeus foram escolhidos como a fonte de todos os problemas da Alemanha, e o nazismo criou uma explicação para tal: o judeu era apresentado como o outro, aquele que não pertence à sociedade orgânica alemã, mas que nela penetra para usá-la para seus prazeres, impedindo-a de se desenvolver de forma organizada e pura como deveria.

No caso das eleições no Brasil, o medo comum passou a girar em torno de novas figuras: o PT e a presidenta Dilma Rousseff. A ideologia desenvolvida passou a identificar claramente qual a raiz de todos os problemas da sociedade: o governo do PT, além dos que apoiam o partido, cúmplices e usurpadores da nação brasileira.

Para começar a descrever esse processo de transformar o PT no inimigo, podemos colocar a primeira imagem construída sobre o governo, o clássico golpe comunista mascarado de democracia. O medo do comunista, vivido pelos mais velhos que legitimaram o golpe militar de 64 e pelos mais novos a partir dos filmes de Hollywood, é a ameaça clássica do medo vermelho. O comunista é o outro; em primeiro lugar, ele vem de um lugar distante; no passado, era a União Soviética; hoje, ele vem de Cuba e da Venezuela (este último, aliás, nada tem de comunista). Ele vem para roubar as liberdades individuais, a liberdade do prazer de consumo

e a liberdade de expressão pela mídia que representa os brasileiros, até o ponto de assassinar a quem não se submeta ao poder comunista. Explicações prontas e rasas sobre o que é o regime comunista são traçadas, e as ações do governo passam a ser transformadas na tentativa de criação de uma ditadura bolivariana. A reeleição por três vezes de um partido deixa de ser mérito da legitimidade de governo e se torna fruto de uma ditadura sem alternância de poder.

A provocação do medo do comunismo não é novidade em campanhas eleitorais no Brasil para o PT. Em 1989, Fernando Collor de Mello, em trabalho desenvolvido com as igrejas evangélicas (MARIANO e PIERUCCI, 1992), passou a declarar e disseminar a ideia de que Lula era um comunista e, como comunista, iria acabar com a liberdade religiosa no país extinguindo a igreja evangélica. Muitos pastores trabalharam na campanha de Collor disseminando o medo da perda da liberdade religiosa entre seus fiéis. Na eleição atual, o medo do comunismo se deu de forma diferente: ele não foi mais entoado pelos políticos, mas a bandeira foi, sim, levantada pelos próprios militantes. Houve, durante a campanha, até algumas referências de Aécio ao empréstimo do BNDES para a construção de um porto em Cuba, interpretando-o como um empréstimo direto a Cuba, para incitar o seu eleitorado. Houve, ainda, críticas às relações do governo com países que se declaram de esquerda, como Venezuela e Bolívia, embora tais críticas normalmente fossem pontuadas como o Brasil se relacionando com países produtores de cocaína, e não com um país comunista.

No fundo, esse discurso não precisou ser criado pelos políticos, ele foi criado pela própria população com base em seu imaginário histórico. O PT, inimigo comum, precisava ser apresentado como uma ditadura radical para poder dar ao imaginário explicações mais claras sobre o porquê da necessidade do medo. A solução seria simplesmente apresentar um golpe comunista sendo gradualmente aplicado, porém sem nenhuma explicação clara de como esse golpe estaria sendo aplicado e sem qualquer apresentação de características reais que demonstrem o governo como um regime comunista. Portanto, é quase impossível acreditar que as pessoas, ao entoar esse discurso, acreditem de fato nisso.

A repetição contínua de uma informação imaginária pela população acaba por transformá-la em verdade ideológica. O filósofo Goran Therborn (THERBORN, 1980) descreve os processos de formação de ideologia e os

classifica. Em primeiro lugar, para a criação de uma ideologia, é preciso, por meio da subjetivação, criar-se um sujeito, o qual se sujeita a uma ideologia; ele é um seguidor e a obedece sem questionamentos. O questionamento à ideologia implica a criação de dispositivos de explicação dentro da própria ideologia, levando ao insucesso pela presença de elementos contraideológicos. Por exemplo, pobres que não se esforçam o suficiente, ou o inimigo comum como mencionamos anteriormente. Therborn classifica então as ideologias entre inclusivas ou posicionais, e existenciais ou históricas. Nesse caso em particular, estamos falando de uma ideologia posicional-histórica. Posicional, porque se posiciona em relação a um “outro”, e histórica por não ser predeterminada pelo nascimento. No caso, alguém pobre só continua pobre pela sua histórica atuação. Esse tipo de ideologia posicional nasce com uma egoideologia e com uma alterideologia. A egoideologia se refere à própria ideologia, a do “eu”. Já a alterideologia explica a ideologia do outro e a posiciona em relação à egoideologia. É possível então, a partir da conscientização das diferenças entre o ego e o alter, determinar a forma de dominação do outro e qual o seu comportamento desejado. Ao se pensar que é preciso acabar com a preguiça do pobre e com a Bolsa Família, para que ele trabalhe como todos nós, por exemplo, constrói-se a solução para a alterideologia conviver com a egoideologia.

O inimigo comum, o PT, então engloba em si a geração e defesa de tudo o que é a alterideologia. A base eleitoral do PT é formada por todas as figuras da alterideologia, seja existencial ou histórica: militantes marxistas, minorias como homossexuais, índios, negros, quilombolas e os pobres nordestinos dependentes da Bolsa Família. Esses últimos, os nordestinos, representam o produto criado pelo PT para dominar a sociedade. Eles foram o principal alvo do ódio da direita depois da perda das eleições⁹. Eles roubam os impostos dessa população orgânica conservadora que se julga trabalhadora. Estão em uma situação cômoda por não precisar trabalhar e vivem só de fazer filhos para se beneficiar, da maneira mais ampla possível, do Bolsa Família. Eles são a grande massa de propagação da alterideologia imaginada para o PT.

Chegamos então ao fator jurídico apresentado por Chauí. É preciso apresentar juridicamente que esse outro realmente precisa ser recluso, preso,

⁹ No segundo turno, Dilma venceu Aécio no Nordeste com 71% dos votos válidos.

corrigido, pois ele comete crime contra a propriedade. A forma de explicar o insucesso da sociedade é atribuída à corrupção do PT. Toda a corrupção que acontece no país passa a ser responsabilidade única do PT. Citam-se os casos do mensalão e mais recentemente das propinas pagas por empreiteiras no caso de corrupção da Petrobras. O PT é colocado como um ladrão, e ladrão não se perdoa. Perdoa-se na sociedade o estupro por um momento de fraqueza, perdoa-se assassino de esposas por cometer crime de amor, mas um ladrão sempre será um ladrão; se o perdoarmos hoje, amanhã ele continuará a ser ladrão e nos roubará novamente.

Assim, ficou caracterizado o inimigo único para essa massa conservadora homogênea. O PT tinha todos os ingredientes para ser a fonte da violência no Brasil. Criou-se a narrativa do inimigo no Brasil: o país era muito bom, tudo ia bem entre as pessoas até que a ameaça externa se infiltra na população como um vírus, espalha-se e passa a usar as pessoas que são corretas. Eles usurpam para construir seu próprio prazer e roubam da classe orgânica, que luta pela pátria, o seu prazer. Os conservadores construíram em torno de si esse medo da esquerda, que lhe usurpa para dar aos pobres, que nada têm a ver com eles. Esses pobres são sujos, têm prazeres estranhos e não preservam os mesmos valores que a nossa sociedade preserva.

Estamos então diante de um conflito de classes. A ideologia da classe conservadora teme a classe pobre. Nesse caso, a classe pobre não é encarada como trabalhadora, mas como uma classe empoderada diretamente pelo governo. É como se tivesse nascido uma nova força de poder a partir do voto. O poder dos que não se importam em crescer e querem viver a fim de explorar a classe superior da hierarquia social. A ideologia conservadora, porém, nega a existência do conflito de classes. Para existir essa consciência do conflito de classes, seria necessária a conscientização da exploração da classe pobre pela classe rica.

Chegamos então ao último elemento necessário para demonstrar que a violência não vem de “nós” e sim “deles”, o que seria o mecanismo inversor da realidade. O capitalista não se sente mais explorando os pobres; ele é um trabalhador que construiu o seu patrimônio. A violência é cometida pelo outro, que rouba seu dinheiro para poder viver sua vida de prazeres sem ter que trabalhar, seja por benefícios, seja pela corrupção, seja por impostos excessivos, por conta de uma máquina falida do Estado. Sendo assim, inverte-se o sentido da violência,

e o capitalista passa a ser o explorado, o perseguido. A classe branca se coloca em lugar de minoria. O PT lhe explora; os gays vão corromper a sua família; os índios vão ficar com as suas terras; os negros vão roubar suas vagas na faculdade; estudantes pobres do PROUNI vão estudar de graça com o seu dinheiro; os cubanos vão roubar suas vagas de médicos; os pobres vão ficar com os impostos que eles trabalharam tanto para pagar; o Estado não vai lhes dar segurança, pois para isso teria que prender pobres votantes. A classe conservadora entende-se como capitalista moralmente correta, branca, minoria e explorada. Estão todos contra eles, por isso precisam se unir para não serem esmagados.

Os novos dispositivos que facilitam as ideologias

Giorgio Agamben apresentou, em uma de suas visitas ao Brasil, uma análise filosófica sobre o que seriam os dispositivos (AGAMBEN, 2009). Sua análise partiu de um conceito de Foucault em que atribui aos dispositivos a função de interligar as relações de poder com as relações de saber. O dispositivo é um elo de ligação, um viabilizador da propagação do poder utilizando-se de meios do saber. Portanto, um dispositivo deve gerar a subjetivação ou a dessubjetivação, proporcionando então o poder sobre o sujeito. Agamben descreve que a sociedade capitalista é formada por uma multiplicidade de dispositivos. Esses dispositivos podem criar ideologias ou suprimi-las, subjetivar ou dessubjetivar, criar um sujeito ou simplesmente abstraí-lo. Esses dispositivos podem ser os mais diversos elementos que possam produzir subjetivação; por exemplo, metodologias de ensino, as cidades, os debates, as leis, o marketing, a mídia.

Dentre tantos exemplos práticos a serem citados, curiosamente Agamben citou um dispositivo que vem amplamente sendo utilizado, o qual ele muito odeia: o celular. Agamben considera o celular um dessubjetivador social. Em sua opinião, ele desconstrói o sujeito. O sujeito deixa de perceber o que acontece ao seu entorno e se concentra no dispositivo. Nesse caso, a dessubjetivação aliena o sujeito, que passa a ter como única a relação com o próprio celular, a mercadoria capitalista. O que Agamben não deve ter observado é a relação entre a pessoa com o celular e o mundo virtual ao qual é levada pelo dispositivo. Esse mundo virtual está por si repleto de dispositivos que podem tanto gerar dessubjetivação quanto subjetivação. Algumas pessoas podem ser levadas pela dessubjetivação de brincar com jogos ou pela simples troca de “selfies”. Esse

dispositivo, entretanto, torna-se, ao mesmo tempo, um viabilizador da entrada de fortes mecanismos de subjetivação que trabalham com a capacidade de gerar desejos e prazeres. Os vínculos, por meio das redes sociais, tornam-se meios de propagação de dispositivos como notícias midiáticas compartilhadas, opiniões de pessoas, de grupos e divulgação de suas ações. Um exemplo recente é o amplo compartilhamento de vídeos de decapitações pelo ISIS via Whatsapp. Pessoas os distribuem entre amigos, discutem vaziamente a violência e admiram a imagem que antes ficava limitada aos seus filmes de terror. A ficção e a realidade se confundem em um mundo de violência banalizada.

O Facebook como dispositivo intensificador de radicalização

Até agora, analisamos neste artigo elementos sociais e ideológicos que sempre estiveram presentes, tanto nas eleições quanto no dia a dia das pessoas. Entretanto, nessas eleições tivemos algo diferente como elemento viabilizador de ideologias: o amplo uso das tecnologias de rede social. No terceiro quarto de 2014, o Facebook apresentou em seus relatórios que 89 milhões de brasileiros estão conectados à rede social e a acessam ao menos uma vez ao mês. Diariamente, 59 milhões de brasileiros acessam o Facebook, o que corresponde aproximadamente à metade dos votantes da última eleição.

Toda ideologia para se manter viva precisa ser alimentada, ou seja, precisa de combustível para ser queimado, centelhas que acendam o fogo e alimentação suficiente para que este não se apague. Esse fogo precisa contagiar para a ideologia não se apagar, portanto ele precisa se espalhar. Existem diversos meios para a propagação desse fogo. Ao longo da história, esse meio teve diversos veículos, como panfletos, jornais, conversas de bar, fofocas de esquina, o cinema, a TV, os noticiários, as novelas. Nas últimas eleições, pudemos ver as ideologias se construindo por meio de um novo e muito poderoso dispositivo: as redes sociais. Vamos então analisar como as redes sociais, mais particularmente o Facebook, e as novas formas de relação com o mundo, por meio dos computadores, transformaram os comportamentos e como influenciam na forma da criação de ideologias.

Baumann descreve que a sociedade moderna transita atualmente da sociedade de consumo para a sociedade que tem a vida para o consumo (BAUMAN, 2008). Na transição do mundo dos produtores para o mundo dos

consumidores, houve a gradual redução da importância da relação do trabalho com a mercadoria, que foi passando para a relação da mercadoria com o consumidor. O que passou a ditar as regras do mundo não era mais o que se podia produzir, mas o que se podia consumir. A sociedade de consumo passou a idolatrar os prazeres do consumo. O trabalho em si não era mais encarado como forma de produzir, mas sim de gerar recursos para se consumir. O consumo foi transformado em desejo, e a sua realização transformada em satisfação. Porém, a satisfação de um desejo, de um sonho, faz com que o desejo e o sonho automaticamente morram. A satisfação, portanto, não é a do consumo em si, mas o da realização do desejo de consumo. Portanto, a satisfação em si é muito rápida, pois ao mesmo tempo em que ela ocorre ela deixa um vazio que é a falta do desejo já realizado. É necessário que se crie um novo desejo por um novo consumo, pois a última satisfação se transformou já em depressão.

Com o amplo uso da Internet e o crescimento do Google, a sociedade passou a ser dona do amplo conhecimento: todos podem conhecer tudo. A informação passou a ser posse de todos, todos podem a qualquer momento pesquisar e conhecer sobre tudo e sobre todos. A proliferação da informação transformou esta em mercadoria e, com o tempo, entendeu-se que as próprias pessoas passaram a ser informação e, conseqüentemente, se tornaram mercadorias. Na teoria de Bauman, as pessoas passaram, assim, da sociedade de consumo à vida para o consumo, na qual a pessoa, além de viver a sua busca contínua pelo consumo, também passa a ser consumida. Transforma-se em produto. Essa é a nova sociedade da informação, em que as pessoas consomem informação e são informação consumível. Ao passar a ser um produto, a pessoa precisa despertar o desejo do outro, para que este a consuma, ou seja, a pessoa precisa ser compartilhada, precisa fazer comentários interessantes para ser curtida, ela quer ser seguida pelo máximo de pessoas. Existe agora um novo status social que está delimitado dentro do mundo virtual, determinado pelo quanto você é consumido. Como um produto, você precisa chamar a atenção, as pessoas precisam desejar consumi-lo, ver suas fotos, ler seus comentários, ver seus compartilhamentos, consumir o que você consome.

O consumo tinha ciclos mais longos: primeiro, se era apresentado ao desejo, depois se desejava, depois se obtinha o dinheiro para comprá-lo. A pessoa ia até uma loja e consumava o consumo. O ciclo do consumo se tornou muito

mais dinâmico. Não é preciso mais comprar necessariamente para se consumir. Um simples clique em um link patrocinado já se torna um consumo, ele já movimenta o dinheiro do capitalista. As pessoas-produtos que se encontram nesse ciclo, ao serem consumidas, provêm duas coisas automaticamente para a rede: informação e consumo. Quando alguém curte algo que você curtiu, a pessoa consumiu você como informação. Mas ela própria está se enriquecendo como produto, pois agora ela agregou mais informações ao seu perfil, ela produziu em si um novo atributo de informação para ser consumido pelo mercado.

Esse mundo virtual das mídias sociais nasceu para o consumismo, ele foi desenvolvido em torno do desejo das pessoas, de seu desejo de consumir e mostrar seu consumo, e por fim ser desejado. O mundo das mídias sociais veio para suprir um problema do mercado com a Internet, fazer as pessoas ficarem confortáveis nesse mundo virtual, passarem o máximo de tempo nela e, com segurança e confiança, consumirem nela. A forma para gerar esse conforto e intimidade veio com as relações entre as pessoas em primeiro lugar. Não se vive mais em um mundo estranho onde existem apenas eu e o computador; existo eu e, dentro desse computador, está o meu mundo, estão os meus amigos reais e virtuais, próximos ou distantes; nele, estamos “nós”. Esse “nós” inicialmente foi determinado pelo máximo de conhecidos possíveis que cada pessoa pode fazer, todos podem ser amigos no mundo virtual. Esses amigos são o limite do que Bauman descreve na sociedade líquida como as conexões (BAUMAN, 2001). O homem deixa de ter amigos, as relações são feitas por conexões que são relações frágeis que podem ser descartadas sem grande custo. Da mesma forma que os produtos foram feitos para serem consumidos e descartados rapidamente, as pessoas também passam a ser descartáveis. A rede permite isso. Se você perde um ponto dessa rede, você normalmente pode se conectar às pessoas por outros pontos. Pessoas populares na rede, que sejam de maior consumo, tornam-se elos importantes, como se fossem celebridades da TV. Elas normalmente reproduzem muito conteúdo e ficam conhecidas, pois aparecem mais e, se tiverem sucesso com a escolha de seu conteúdo, conseqüentemente serão mais curtidas.

Os detentores das mídias sociais então se aproveitam dessas redes para vendê-las ao mercado. A primeira forma é a venda direta. Baseado em tudo o que você reproduziu em sua rede, é possível escolher seu perfil e direcionar algum tipo de informação que gere marketing para você. Pode ser o marketing

de um produto, ou simplesmente o de um atravessador de marketing, que publica notícias virais pelas quais você vai se interessar e escolher, apontando para o seu site que possui links de marketing. Pessoas que compartilham muito são inclusive valorizadas pela mídia social. Publicar para um compartilhador é muito mais caro do que publicar para um usuário médio do sistema.

Outro elemento muito importante do direcionamento das mídias sociais apareceu a partir do momento em que as redes das pessoas se tornaram muito grandes e os conteúdos também se multiplicaram. O direcionamento então passou a ser não mais somente o pago utilizando-se do gosto de cada um, mas a acontecer entre os próprios amigos. Vamos imaginar que você está no centro de São Paulo, onde existem milhares de pessoas circulando por todos os lados, todas elas andando e falando algo; fica impossível entender qualquer coisa quando a diversidade é muito grande. São milhares de pessoas passando por você e deixando informações que só vão lhe causar confusão. Porém, agora, toda vez que você gostar do que algum amigo seu que estava passando por você falou, da próxima vez que essa pessoa falar, a ferramenta vai tentar colocar essa pessoa próxima a você novamente.

Da mesma forma, se uma pessoa se torna inconveniente por sempre estar falando coisas de que você não gosta, a ferramenta vai lhe dar a opção de não ouvi-la mais; você pode escolher que ela não ande mais pelas mesmas ruas que você anda. Automaticamente, muitas pessoas que seguem e conversam com tal pessoa não mais aparecerão para você, pois elas eram conectadas a você por seguir aquela pessoa que se tornou inconveniente para você. Com isso, as redes vão naturalmente se tornando mais agradáveis, pois somente compartilhamos nossas ideias com pessoas que possam curtir-las. É uma relação positivista ideológica que encontramos aqui. Quando Agamben discutiu os dispositivos a partir da descrição de Hyppolite (AGAMBEN, 2009), ele descreveu o sentido do uso da palavra *positivité* com o mesmo sentido criado por Foucault para dispositivos. Portanto, o Facebook desempenha um papel de dispositivo ao criar um meio positivo de convívio. Como exemplo, podemos citar a presença de um botão “curtir” simbolizado por um polegar para cima. Não existe a opção de um “não curtir” com o polegar para baixo. A desaprovação é desencorajada pela ferramenta; a ideia é manter o ambiente positivo.

O mesmo mecanismo do conforto para o consumo passou naturalmente

a ser campo para a reprodução natural e confortável das ideologias. A partir do momento em que a política passou ao foco das discussões na sociedade, as redes começaram a moldar-se com base nas ideologias políticas.

O nosso momento de grande virada na construção de ideologia política por meio das redes sociais, com certeza, precisa ser buscado nas revoltas de junho de 2013, que começaram e se propagar com o uso da Internet. De repente, a informação que todos estávamos acostumados a receber no dia a dia pelos nossos televisores passou a não ser mais a informação na qual realmente confiávamos. Um sentimento de fraqueza, por ter ouvido por tanto tempo apenas mentiras, deu lugar a um sentimento de empoderamento pela Internet. Qualquer um tinha o poder da informação. Da mesma forma que as pessoas poderiam ser seguidas com um vídeo viral, elas poderiam ser seguidas realmente no mundo real em manifestações. Encontros massivos podiam ser arranjados com o poder de parar as cidades e, até mesmo, como culminou, parar o país. Todas as ideologias eram convocadas para as ruas, todos podiam se expressar.

Porém, a lua de mel acabou rápido, pois as pessoas em revolta não eram uma massa única ideológica. Reuniu-se uma ampla gama de medos e desejos sobre toda a sociedade, porém o lençol que cobria estes medos e desejos foi retirado, e as ideologias vieram à tona. As pessoas começaram a notar que estavam protestando lado a lado com seus inimigos ideológicos e que a convivência pacífica teria que acabar. Assim, as manifestações se dissiparam, e o campo das discussões voltou à Internet.

Entre o fim dos protestos de 2013 e o início de 2014, passamos a ver um desfile de ideologias. As ferramentas mais utilizadas durante esse período eram os comentários em cima de notícias. A possibilidade de se expressar em uma notícia de um site ou em um blog, algumas vezes sem nenhum tipo de filtro, deu às pessoas um novo poder, o de opinar sobre qualquer coisa. Com a massiva produção de notícias de Internet para abastecer esse público sedento por novidades rápidas, todos se tornaram conhecedores de tudo. As notícias então são esvaziadas, pois precisam ser rápidas, e as pessoas as filtram ideologicamente. Os comentários passam a ser formas de expressão inquestionáveis. Podemos citar os comentários da Internet quase como uma ágora para o sofista. O comentário não precisa ter o conteúdo da verdade para ser feito, ele não precisa se basear em dados, em pesquisa, ele pode ser simplesmente criado. O importante do

comentário é convencer aos pares. Se uma única pessoa questiona apresentando fatos, dados e estudos científicos, não importa. O que importa é a palavra de quem comentou e o apoio da rede. Se a rede apoia quem comentou, as provas e fundamentos contrários se tornam irrelevantes. Longos textos são indesejados; na rede, a informação precisa ser rápida. E se o conteúdo for contra, mais facilmente poderá ser ignorado ou refutado pelos comentários mais esvaziados e agressivos, pois a rede por trás o protegerá com seus próprios comentários.

Assim, com o tempo, todo o conteúdo que o usuário da mídia social passa a expor se torna cada vez mais direcionado para a sua tendência ideológica: as notícias, os comentários, os blogueiros que são compartilhados, além de todas as informações que são direcionadas para a sua *timeline*. O debate vai naturalmente se esvaziando e se distanciando. Virtualmente o outro, o de ideologia diferente, passa a estar distante. A impressão que se cria é que a maioria está ao seu lado, e o seu lado é o lado que sabe a verdade. A militância do outro passa a ser encarada como fraca, quase inexistente, uma vez que você não a vê mais.

Em estudos feitos com seguidores do Twitter nos EUA (BOUTYLINE e WILLER, 2014) e no Canadá (HALBERSTAM e KNIGHT, 2013), baseados na política americana, foi possível encontrar um alto nível de homofilia política nas conexões entre os usuários. Usuários que seguem republicanos tendem a se conectar com usuários republicanos, e usuários democratas tendem a se conectar com usuários democratas. Outro dado importante dessa pesquisa foi que os usuários mais ativos do Twitter eram os que seguiam os políticos mais conservadores e radicais. Isso vai de encontro à teoria da polarização assimétrica apresentada neste artigo. Os mais radicais são os que mais se mobilizam para conseguir mais fiéis.

Com a ação política deslocada para o mundo virtual, as exigências sociais são reduzidas, e as pessoas, em um mundo ampliado de conexões, passam a ser agrupadas pelos seus interesses no mundo virtual. O mundo das relações pessoais pode permanecer com as ideologias escondidas. As pessoas podem deixar sua agressividade exposta somente no mundo virtual e escondida dos outros no dia a dia. Nesse caso, a radicalização se torna convidativa. Os limites da radicalização são elevados pela rede, ao permitir uma libertação da moral conhecida publicamente como agressiva.

Outra característica a se destacar nas transformações sociais causadas

pela Internet nessas eleições se refere ao imediatismo gerado. No mundo da informação rápida, o importante passou a ser o agora. As pessoas querem ser as primeiras a saber o que aconteceu e as primeiras a compartilhar uma notícia importante. Os sites de notícias buscam alimentar esse tipo de desejo, buscando também ser sempre os primeiros a apresentar as últimas informações, mesmo que estas não sejam de fontes confiáveis. Com o imediatismo, as pessoas se tornam impacientes, elas não conseguem esperar por ter seu desejo satisfeito. Com a derrota de Aécio Neves, a militância da direita entrou em desespero. Os valores democráticos foram jogados de lado e, imediatamente, começaram a se discutir soluções para se verem livres do PT. As soluções passaram por ondas de separatismo para a desconexão do Nordeste, imediato desejo de *impeachment* e até de um golpe militar. Esperar por um próximo ciclo democrático é uma tarefa muito difícil em um mundo onde o consumo é imediato, principalmente para a classe média paulistana, principal militância de Aécio Neves. Essa insatisfação pós-eleição também aconteceu na Venezuela após derrota da direita. Manifestos continuaram por vários dias após as eleições, inclusive incitados pelos próprios políticos. A tendência desses movimentos normalmente é seu desaparecimento ou adormecimento, na substituição por outro tipo de desejo. Porém as redes se formaram, e o seu futuro ressurgimento poderá ser muito mais fácil.

Considerações Finais

As eleições presidenciais de 2014 no Brasil apresentaram uma grande mudança na forma de fazer campanha, tanto por políticos quanto por militantes. Candidatos e partidos políticos tiveram de se adaptar a um novo tipo de campanha, a feita pelos próprios eleitores. As militâncias políticas sempre existiram, construídas de forma organizada por comitês dos partidos, que, com o apoio de seus filiados, conquistavam uma pequena parcela da população que os ajudava no dia a dia de militância.

Porém, após as manifestações de junho de 2013, redes políticas se conectaram e passaram a construir suas ideologias pelas redes sociais. As mídias sociais, principalmente o Facebook, tornaram-se fortes dispositivos de formação ideológica que permitiram a proliferação ideológica polarizada dentro da rede.

A polarização entre esquerda e direita se consolidou nestas últimas eleições, o centrismo foi abandonado e deixado para os que não opinam na

política, e uma grande massa de informações passou a ser trocada no Facebook com foco nas eleições. O que há de novo nesse processo é que as informações nas mídias sociais não partiam dos marqueteiros políticos e tradicionais militantes associados aos partidos, partiam da população em geral, por agentes sem nenhuma filiação partidária. Esses novos agentes lideraram grandes massas de opinião pela Internet, construindo esse novo tipo de militância, em que qualquer um pode militar e mobilizar, sem precisar se utilizar da máquina do partido político.

Os marqueteiros políticos ainda não se prepararam para esse novo mundo de discussões, suas ações na Internet ainda foram em geral de pouco sucesso e abrangência. A campanha política foi feita pela própria população. As campanhas dos partidos se limitaram a tentar alimentar com informações a massa de pessoas que consumia as informações e as reproduzia de forma extremamente rápida. Os novos militantes se tornaram os agentes de busca e compartilhamento das informações, sempre atentos às próximas notícias e próximos compartilhamentos.

A mídia, representada pelos grandes jornais e pela TV, também deu sua contribuição às campanhas eleitorais. O site Manchetômetro, que apresenta notícias positivas, neutras e negativas sobre os candidatos, produzidas pelos principais jornais, demonstrou, com números, que as notícias sobre Dilma Rousseff foram amplamente mais negativas do que as que citavam Aécio. Fora os escândalos de corrupção quase sempre ligados ao PT, que tomaram conta das capas dos jornais. Porém, a força dessas notícias se deu pelo compartilhamento das pessoas pela Internet e não devido ao sucesso dos próprios portais de notícias em si.

Portanto, houve uma grande mudança na figura de quem eram os principais agentes que faziam campanha política, passando dos partidos e da mídia para a base eleitoral que usa a Internet.

A ampla discussão política pela Internet marcou, então, o reaparecimento de um novo militante, o militante conservador de direita. Esse militante conservador ressurgiu alimentando o debate político e desenvolvendo a polarização de ideologias políticas no Brasil. Esse novo militante conservador, porém, surgiu de uma base conservadora e violenta da sociedade. Uma base que estava pronta para absorver ideologias. E a ideologia da direita se recriou

alimentada pelo radicalismo aberto de novos políticos conservadores e de uma sociedade de intolerâncias com o outro. A massa uniforme conservadora uniu-se de forma muito rápida em torno de seus desejos e perversões e, rapidamente, conseguiu se radicalizar, levando a esse fenômeno que tem acontecido em outra grande democracia mundial, a dos EUA.

O que podemos observar em comparação com os EUA é o crescimento dessa massa radicalizada conservadora, a partir do momento em que as pessoas passaram a utilizar a Internet como seu principal meio de discussão política. Opinar sobre uma notícia compartilhada passou a gerar um amplo poder de liberdade de expressão e um modo fácil de ser ouvido, o que passou a alimentar o fetiche das pessoas de serem consumidas, de serem compartilhadas. Receber longas listas de comentários em uma postagem na Internet é o sucesso, é o desejo realizado. No entanto, de forma muito rápida, já surgem outras postagens, e a sua rapidamente será esquecida. Um desejo, uma satisfação e uma rápida insatisfação. Entra-se em um jogo de vale tudo para conquistar seguidores. As conversas então se inflamam em meio a um ambiente de homofilia ideológica. O radicalismo toma conta, pois este chama mais a atenção do que os comentários moderados.

A tendência que a política enfrenta é a de radicalização das ideologias políticas e potencial crescimento da base de discussão. Atualmente, essa radicalização parte principalmente dos conservadores, tanto nos EUA quanto no Brasil. Porém, uma variável importante nesse cenário é a de que os governos atuais desses países são ambos mais de esquerda, podendo com o tempo gerar uma mudança em seus panoramas. É ainda um pouco difícil se pensar nesse cenário hoje, porque nesses países a esquerda mais extrema normalmente tem em sua pauta as causas sociais e a defesa de minorias.

Vários políticos vêm se aproveitando dessa radicalização, com discursos conservadores de extrema direita atacando os programas sociais e a defesa de minorias. A tendência é essa radicalização se fortificar, porém ao mesmo tempo ela não deve uniformizar a direita como radical, já que o excesso também pode levar a repulsa de um conservador mais moderado.

Após as eleições de 2014, o PT resolveu tentar entender essa radicalização, contratando uma pesquisa em nível nacional para entender qual a fonte do antipetismo tão forte que surgiu nas últimas eleições (GALHARDO,

2014). Algumas pessoas ligadas ao PT acreditam que ela tenha eclodido nas manifestações de 2013, justamente no evento citado aqui do dia da queima das bandeiras. Outros motivos apontados pelo PT são as notícias de corrupção relativas ao mensalão e, mais recentemente, o caso da Operação Lava Jato relativo à Petrobras. Tal análise, porém, é muito simplista e ignora todos os demais fatores sociais que envolvem a criação desta ideologia de ódio ao PT. Pesquisas quantitativas de opinião serão muito importantes, porém somente se carregarem consigo uma base sociológica das transformações do pensamento contemporâneo, que guiem as perguntas necessárias para entenderem a condução ao ódio ao PT. A corrupção, por exemplo, poderia ser substituída por várias outras razões, uma vez que as ideologias têm a capacidade de gerar motivos para o ódio, desde que possuam os dispositivos que o conduzam de forma eficiente para alimentar a massa que as consome.

O uso da mídia social por políticos provavelmente também será revisto; em geral, aqueles que conduzem as campanhas não aprenderam a utilizar de forma correta essas novas mídias, não aprenderam o fenômeno de buscar produzir compartilhamentos de Internet, nem entender como pensam as pessoas que compartilham. Eles terão que lidar com o ego das pessoas para tentar atingir a sua capacidade de trabalho com o alter. Precisarão trabalhar os limites entre incitar a radicalização e conseguir uma massa fiel de votantes, ou amenizar seus discursos e conseguir, via um certo *soft power*, convencer as pessoas de forma mais universal para serem compartilhados.

O imediatismo da população também precisará ser observado. O consumo político deverá aumentar a demanda por resultados. Não só por resultados de vitória de um campeonato, representado por eleições, mas também na vitória em partidas, comparando-se com o futebol. A tendência é que cresça a observação sobre temas polarizantes como aborto, direitos civis dos homossexuais e mais atualmente a reforma política. Partidas serão travadas constantemente, a população fará campanhas para essas partidas e exigirá resultados. A pressão sobre governos e congresso aumentará, com temas polarizantes, e os políticos terão que aprender a lidar com essas novas exigências da sociedade, a fim de evitar grandes revoltas populares.

Bibliografia

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In: AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: ABEU, 2009. p. 26-54.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. Introdução. In: BAUMAN, Zygmunt. *Vida Para Consumo: A transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 7-36.

BEDINELLI, Talita. Congresso Nacional se enche de representantes ultraconservadores. *El País*, 2014. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/10/08/politica/1412729853_844912.html>. Acesso em: 11 nov. 2014.

BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1995.

BOUTYLINE, Andrey.; WILLER, Robb. *Ideology and Political Homophily in Online Communication*. Berkeley: University of California, 2014.

CHAIA, Vera. Eleições no Brasil: O medo como estratégia política. In: RUBIN, Antonio Albino Canelas. *Eleições presidenciais em 2002 no Brasil: ensaios sobre mídia, cultura e política*. São Paulo: Hacker Editores, v. 1, 2004. p. 29-52.

CHAUÍ, Marilena. Cultura política e política cultural. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP. v. 9, n.23, p. 71-84, 1995 (ISSN 0103-4014).

ESTEBAN, J.-M.; RAY, D. On the Measurement of Polarization. *Econometrica*, New York, n. 62, p. 819-851, n.4, jul. 1994.

FERREIRA, Marcelo Costa Participação e comportamento político no Estado de São Paulo, 1990. *Opinião Pública*, Campinas, v. 6, n.2, out. 2000.

GALHARDO, Ricardo. PT contrata pesquisa para tentar mapear antipetismo. *Estadão*, 2014. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,pt-contrata-pesquisa-para-tentar-mapear-antipetismo-imp-,1597126>>. Acesso em: 27 nov. 2014.

HALBERSTAM, Yosh.; KNIGHT, Brian. *Are Social Media more Social than Media? Measuring Ideological Homophily and Segregation on Twitter*. Toronto: University of Toronto, 2013.

KAHN, Tulio. Apatia política e credo democrático. *Lua Nova*, São Paulo, p. 175-197, n. 39, 1997.

LUCENA, Eleonora de. Nova direita surgiu após junho, diz filósofo. *Folha de São Paulo*, 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1541085-nova-direita-surgiu-apos-junho-diz-filosofo.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

MARIANO, Ricardo; PIERUCCI, Antônio Flávio. O envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor. *Novos Estudos Cebrap*, n.34, p. 92-106, nov. 1992.

NETTO, Andrei. Alckmin chama manifestantes de baderneiros e vândalos. *Estadão*, 12 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,alckmin-chama-manifestantes-de-baderneiros-e-vandalos,1041555>>. Acesso em: 27 nov. 2014.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. A passagem interna da modernidade para a pós-modernidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 24, p. 82-93, n.1, mar. 2004. ISSN 1414-9893.

O Guia Pervertido da Ideologia. Direção: Sophie Fiennes. Produção: Sophie Fiennes. Intérpretes: Slavoj Žizek. [S.l.]: Blinder Films. 2012.

ROBERTS, David. The left's gone left but the right's gone nuts: Asymmetrical polarization in action. *Grist*, 2012. Disponível em: <grist.org/politics/asymmetrical-polarization-the-lefts-gone-left-but-the-rights-gone-nuts/>. Acesso em: 13 nov. 2014.

ROXO, Sergio. Rapaz que iniciou depredação à prefeitura de SP chora e polícia pede prisão; Justiça nega. *O Globo*, 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/rapaz-que-iniciou-depredacao-prefeitura-de-sp-chora-policia-pede-prisao-justica-nega-8742412>>. Acesso em: 27 nov. 2014.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013: Classes e ideologias cruzadas. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n.97, dez. 2013.

SOARES, José de Lima. As centrais sindicais e o fenômeno do transformismo no governo Lula. *Sociedade Estado*, Brasília, v. 28, n.3, dez. 2013.

THERBORN, Goran. The Ideological Formation of Human Subjects. In: THERBORN, G. *The Ideology of Power and the Power of Ideology*. London: Verso, 1980. Cap. 1, p. 15-27.